

# TRABALHO, IDEOLOGIA E A CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

*Working, ideology and the constitution of social human being:  
reflexions about the teacher identity question*

DIAS JÚNIOR, Marcos Jerônimo<sup>1</sup>

ROSA, Sandra Valéria Limonta<sup>2</sup>

## RESUMO

No decorrer da história, o modo de produção capitalista vai se (re)estruturando e constituindo novos reordenamentos sociais, econômicos, políticos e culturais que influenciam as várias áreas da vida humana, inclusive a educação escolar e a constituição da identidade docente. O artigo aqui apresentado é parte de uma pesquisa de caráter teórico-bibliográfico que tem como objeto o trabalho docente e como objetivo compreender a constituição do ser social do trabalhador docente por meio de uma análise histórica, dialética e material da realidade concreta partindo da seguinte problemática: Como a organização do trabalho no atual estágio do capital vai engendrando e constituindo a identidade docente? Buscamos compreender o trabalho como categoria fundamental na constituição de significados e sentidos da identidade do professor como ser social, articulado com a identificação e análise de mecanismos ideológicos presentes na contradição da cisão entre capital, trabalho e educação, que provocam implicações na identidade docente. A construção da identidade parte das relações objetivas articulando-se de forma dialética à relação entre indivíduo e sociedade. Partimos do pressuposto teórico-epistemológico de que o trabalho, na concepção ontológica, é a essência da constituição do ser social e consequentemente da identidade do trabalhador, no caso desta pesquisa, da identidade docente. Nossa investigação tem evidenciado que, diante das contradições históricas entre capital e trabalho e trabalho e educação, atualmente o trabalho docente tem sido afetado por mecanismos ideológicos cada vez mais complexos, que por sua vez incidem sobremaneira na subjetividade dos professores e na constituição de seu ser social.

**Palavras-chave:** Trabalho; Ideologia; Identidade docente.

## ABSTRACT

Throughout history the capitalist mode of production is structuring and developing itself with new social, economic, political and cultural rearrangements that influence the various areas of human life, including education and the establishment of teacher identity. The article presented here is part of a theoretical and bibliographical research whose object is the teacher working and the objective is to understand the constitution of teaching worker as a social human being, by historical, dialectical and material analysis of concrete reality based on the following issues: how the organization of work in the current capital stage will engendering and building the teacher identity? We seek to understand that work is fundamental in the constitution of meanings and teacher's sense of identity as a social

<sup>1</sup> Mestre em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Apogeu/Centro Integrado de Educação, Licenciado em Educação Física pela UFG. Membro pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa Marxista da Faculdade de Educação da FE/UFG. E-mail: <mjr2012@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFG, com Pós-Doutorado em Educação (Ensino Desenvolvidor) pela PUC-GO, Mestre em Educação pela UNESP/Marília, Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora adjunta da FE/UFG e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de pesquisa Formação, Profissionalização Docente e Trabalho Educativo. E-mail: <sandralimonta@gmail.com>.

being, combined with the identification and analysis of ideological mechanisms present in contradiction of the split between capital, labor and education, which have major implications on teacher identity. The construction of the identity comes from the objective relations articulated dialectically on the relationship between individual and society. We start from the theoretical and epistemological assumption that the work in the ontological conception, is the essence of the constitution of the social and consequently worker identity, in the case of this research, teaching identity. Our research has shown that, given the historical contradictions between capital and labor and work and education, work currently teaching has been affected by ideological mechanisms increasingly complex, which in turn greatly affect the subjectivity of teachers and the development of his social human being.

**Keywords:** Work; Ideology; Teacher identity.

---

## INTRODUÇÃO

A partir da análise dialética entre indivíduo/sociedade e subjetividade/objetividade, com base na categoria trabalho e articulado com a conjuntura dos princípios e objetivos da sociedade capitalista construída e organizada historicamente, percebemos que a identidade docente sofre influências das relações objetivas direcionadas pelo mercado tendo como eixo central o trabalho alienado. Esses encaminhamentos provocam um processo de desconstituição identitária, em razão principalmente das transformações produtivas engendradas pela classe social burguesa, que possui atualmente o poder ideológico, político, econômico e cultural da sociedade.

Dessa maneira, surge da realidade concreta a necessidade de compreender os desdobramentos desta síntese de múltiplas determinações entre sujeito e sociedade, relacionando-os às categorias trabalho e identidade docente no sentido de totalidade. Essa reflexão envolve elementos, mecanismos, aspectos e categorias que provocam questionamentos, tanto na ordem social geral como na especificidade do âmbito escolar, na constituição da identidade docente e na própria essência do ser social.

Tais fatores servem de ponto de partida e fundamento para a construção deste texto, a partir das seguintes indagações: Como o trabalho docente se articula com a totalidade social? Qual a relação entre trabalho e identidade docente na realidade concreta? Quais as características de uma visão crítica de identidade? Quais os mecanismos que implicam a identidade docente na relação do trabalho com o capital? Qual é a minha identidade como professor da rede pública?

Além dessas questões, este artigo busca responder à seguinte problemática: Como o trabalho e sua relação com o capital podem influenciar na (des)constituição da identidade docente no contexto da sociedade contemporânea? O objetivo é compreender o trabalho como categoria fundamental na (des)constituição de significados e sentidos na identidade do professor, articulado na identificação e análise de ideologias e seus mecanismos presentes na cisão entre capital e trabalho que provocam implicações na identidade docente. Portanto, este trabalho torna-se um ponto de partida para entendermos as categorias trabalho e identidade e as relações com a docência no sentido da totalidade social ligada diretamente com a realidade concreta no processo dialético entre indivíduo e sociedade.

O texto é estruturado em quatro momentos articulados. A primeira parte (Trabalho: A essência do ser social e da identidade docente) traz uma discussão sobre a categoria trabalho numa concepção ontológica, demonstrando sua fundamental importância na constituição do ser social e, conseqüentemente, na identidade docente. A segunda parte (As transformações e desdobramentos das categorias trabalho e identidade docente na sociedade contemporânea) trata de algumas das transformações que as categorias trabalho e identidade docente sofreram diante das contradições formadas pela cisão entre capital e trabalho, compreendendo principalmente a questão do trabalho alienado na sociedade moderna atual e indícios de influências na identidade docente na contemporaneidade. A terceira parte (Ideologia: um instrumento de (des)constituição da identidade docente) aborda a questão da ideologia como um instrumento da classe hegemônica na organização do capital, demonstrando seus principais aspectos e características e suas conseqüências no âmbito da discussão da identidade docente. Na quarta e última parte (Identidade docente: sentidos e significados), discute-se a identidade docente de forma específica, particularmente sobre os sentidos da categoria identidade no decorrer da história e os significados para a construção de uma visão crítica e também para possibilidades de emancipação humana na dialética trabalho/identidade e sociedade/indivíduo.

## **TRABALHO: A ESSÊNCIA DO SER SOCIAL E DA IDENTIDADE DOCENTE**

Diante dos desafios, problemas e contradições que enfrentamos na sociedade atual direcionada pelas relações objetivas do modo de produção capitalista, novas implicações passam a configurar a questão da constituição da identidade docente. De acordo com Ciampa (2001), “[...] é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade” (p.72). De fato, não podemos focalizar e isolar a leitura sobre a identidade docente somente em suas particularidades subjetivas como algo definitivo, estático, atemporal, mecanicista e isolado das relações de totalidade social.

Uma análise intersubjetiva e relativista sobre a identidade desconsidera o docente como ser social, nega a totalidade social, enfatiza a dicotomia entre teoria e prática, dissocia o particular do universal, o produto do processo, o conteúdo da forma impedindo a construção da dialética e o desvelamento das contradições que movem a realidade, pois o indivíduo antes de ser docente é ser humano, um ser social que se constitui no movimento das contradições históricas da realidade concreta de determinados tempos, espaços e organizações sociais.

Uma alternativa impossível é o homem deixar de ser social e histórico; ele não seria homem absolutamente. Outra impossibilidade é deixar de ser também um animal, conseqüentemente submetido às condições dessa sua natureza orgânica (tal como a planta à sua natureza vegetal). Contudo (e por isso foi grifada a palavra “também”), não pode ser só animal (dada sua natureza social e histórica). Então, nem anjo, nem besta, o homem é homem, não como uma afirmação tautológica, mas como uma afirmação da materialidade da contínua e progressiva hominização do homem (CIAMPA, 2001, p.71).

É necessário, pois, para compreender a relação entre essência e existência, o processo de constituição da humanização e da identidade no sentido de totalidade e os processos que levaram a determinadas transformações do ser social e da identidade docente partir da essência ontológica do ser social. “O existir humanamente não está garantido de antemão, nem é uma mudança que se dá naturalmente, mecanicamente, exatamente porque o homem é histórico” (CIAMPA, 2001, p.71).

O ser humano, diferente dos outros animais, não se adapta às condições que o meio natural proporciona, mas tem como necessidade, através do trabalho, transformar o meio humanizando a natureza externa a si, com a finalidade consciente de produzir os meios de sua existência. Desse modo, o ser humano para sobreviver precisa, na sua relação com a natureza, produzir por meio de sua atividade os meios de subsistência. Ao transformar a natureza, o homem vai transformado a si mesmo, tornando-se como ser universal, sujeito da práxis. “A história, então, como a entendemos, é a história da autoprodução humana, o que faz do homem um ser de possibilidades, que compõem sua essência histórica” (CIAMPA, 2001, p.68). Portanto, a sociedade é uma ação recíproca de autoprodução dos homens pelo trabalho.

Conforme Ciampa (2001) e com base em Marx, o trabalho é a “essência histórica” do homem, faz do homem um ser eminentemente social e histórico e possibilita a construção de sua verdadeira riqueza, a humanização. Segundo Mascarenhas (2002), “[...] o trabalho aparece ao homem como um meio para a satisfação de uma necessidade, a necessidade de manter a existência” (p.49). Nesse sentido a referente categoria é entendida na perspectiva ontológica como atividade criadora, construtora, formadora, realizadora expressão da práxis humana no metabolismo com a natureza e na relação entre os seres humanos (LUKÁCS, 2013).

A práxis é aqui entendida como ação transformadora consciente da realidade concreta na relação dialética entre teoria e prática. Assim, o ser social se humaniza e constitui sua identidade na materialização das relações objetivas que se inter-relacionam com a própria existência na totalidade social, histórica e cultural.

Nesse sentido, embora não toda ela, eu contendo uma infinitude de humanidade (o que me faz uma totalidade), que se realiza materialmente de forma contingente ao tempo e ao espaço (físicos e sociais), de tal modo que cada instante de minha existência como indivíduo é um momento de minha concretização (o que me torna parte daquela totalidade), em que sou negado (como totalidade), sendo determinado (como parte); assim, eu existo como negação de mim-mesmo, ao mesmo tempo em que o que estou sendo sou eu-mesmo (CIAMPA, 2001, p.68).

Essa atividade essencialmente humana afasta o homem da barreira natural e possibilita na realidade concreta a constituição do indivíduo como um ser social, no processo contínuo de constituição da identidade humana. “Sendo o trabalho o modo como transmitimos significados à natureza, constitui-se em um dos elementos essenciais na construção da identidade” (MASCARENHAS, 2002, p.62). Para afirmar e ampliar essas considerações ressaltamos Ciampa (2001), não há como separar a relação dialética entre subjetividade e objetividade da humanização e, muito menos, compreender o homem no processo de constituição da identidade humana sem considerar a prática social.

Percebemos que a categoria trabalho, pautada na concepção ontológica de constituição do ser social, constrói a base para questões epistemológicas e gnosiológicas da realidade, dentre as quais destacamos a questão da identidade docente. Nessa leitura conjuntural, embasando-nos em Marx (2010a) para explicitar que tal visão cria caminhos e possibilidades para a explicação da dialética essência/existência do ser social, da construção da humanidade e dos desdobramentos do contexto sócio-histórico da identidade docente.

Desse modo, as possibilidades concretas de transformações e construções de novas realidades pelo homem no processo de constituição de sua identidade são reais e possíveis de se efetivarem. Porém, Ciampa (2001) nos chama a atenção para um detalhe fundamental.

Diferentes momentos históricos podem favorecer ou dificultar o desenvolvimento dessas possibilidades de humanização do homem, mas é certo que a continuidade desse movimento (concretização) constitui a substância do homem (o concreto, que em si é possibilidade e, pela contradição interna, desenvolve-se levando as diferenças a existirem, para serem superadas); aquela só deixará de existir se não mais existir nem história e nem humanidade (p.68).

Nesse eixo de análise de base ontológica, a identidade humana perpassa necessariamente pela relação indissociável entre indivíduo e sociedade. Logo, a constituição histórica da identidade do ser social não é lógica, individualista, unidirecional e absoluta. “Então, eu como qualquer ser humano participo de uma substância humana, que se realiza como história e como sociedade, nunca como indivíduo isolado, sempre como humanidade” (CIAMPA, 2001, p.68). Na relação dialética entre universal e particular a partir das contradições da totalidade social.

Dentro dessa análise de totalidade, a identidade docente é um processo em movimento, contraditório, histórico articulado diretamente com as relações objetivas e materiais da realidade. “Dessa forma, cada posição minha me determina, fazendo com que minha existência concreta seja a unidade da multiplicidade, que se realiza pelo desenvolvimento dessas determinações” (CIAMPA, 2001, p.67). Assim, a identidade docente se constitui a cada atividade produtora realizada no espaço e no tempo em que vive, não deve ser vista somente no e a partir do indivíduo como um bloco acabado, fechado e isolado, mas em uma reciprocidade e simultaneidade de “estar sendo” de maneira processual na própria realidade.

O homem deve ser compreendido como um processo, como um devir, porque se constitui como um ser por meio das relações sociais e materiais, que estabelece relações essas que, além de serem humanas, são históricas, são estabelecidas durante todo o movimento de sua existência e não por um acaso, por um destino, por atuação de forças divinas (CORRÊA, 2008, p.47-48).

É através do trabalho inserido nas relações sociais que se constitui a identidade docente, como destaca Ciampa (2001) sobre o ser social: “[...] não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social” (p.72). Nota-se que é de fundamental importância analisar a identidade docente a partir da compreensão da constituição da identidade do ser social.

Para compreendermos melhor a ideia de ser a identidade constituída pelos grupos de que fazemos parte, faz-se necessário refletirmos como um grupo que existe objetivamente: através das relações que estabelecem seus membros entre si e com o meio onde vivem, isto é, pela sua prática, pelo seu agir (num sentido amplo, podemos dizer pelo seu trabalho) (CIAMPA, 2001, p.64).

Entretanto, variadas transformações, reestruturações, reordenamentos e desdobramentos relacionados aos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos do trabalho ocorreram na prática social construindo novos direcionamentos, configurações e formas interessadas principalmente em relação à categoria trabalho. Consequentemente são constituídas implicações que influenciam tanto na constituição da identidade docente como também no processo de sua desconstituição.

## **AS TRANSFORMAÇÕES E DESDOBRAMENTOS DA CATEGORIA TRABALHO E DA IDENTIDADE DOCENTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

No processo de constituição da sociedade moderna contemporânea, o modo de produção capitalista se estrutura a partir de interesses antagônicos entre classes sociais – os burgueses proprietários dos meios de produção e os trabalhadores que possuem somente o que sobrou da sua maior riqueza, a força de trabalho. “As classes existem na constituição de uma prática e de uma representação social configurado-se como uma formação econômica, política, social e cultural” (MARX; ENGELS, 2000, p.43). Nessa conjuntura a classe burguesa, ao deter de forma hegemônica a direção da estrutura da produção econômica e política, utilizou deste poder para a conservação e ampliação de seus interesses e concepções na construção de um projeto de mundo interessado.

A nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se, entretanto, por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade inteira vai-se dividindo cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas entre si: burguesia e proletariado (MARX; ENGELS, 2000, p.46).

São constituídas nesse contexto implicações que provocaram mudanças na concepção e na execução da divisão social do trabalho. Na perspectiva de Marx e Engels (2000), “[...] na sociedade burguesa, o trabalho vivo é apenas um meio para aumentar o trabalho acumulado” (p.61). A lógica econômica, política, social e cultural capitalista vai promovendo uma desconstrução da essência do trabalho como processo de criação na relação entre homem e natureza e estruturando uma nova organização: o trabalho alienado.

Nessa nova configuração o trabalho e o produto da atividade humana são desenvolvidos não para si, mas para o outro, o ser social começa a não se reconhecer no processo e no produto do seu trabalho, há um estranhamento do trabalhador com o objeto produzido na ação produtora.

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir;

que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (MARX, 2010a, p.82).

O mercado provoca neste cenário de cisão entre capital e trabalho, pautada na ideologia do liberalismo democrático burguês, influências marcantes no direcionamento da atividade produtora do ser social, tendo seus objetivos voltados para o acúmulo do capital e a ampliação do lucro, construídos no processo de exploração do trabalho que se sustenta na produção descontrolada de mercadorias e incentivo ao consumo (MARX, 2010a). O trabalho na estrutura do capital é externo ao ser social, pois a força de trabalho do trabalhador fica à disposição do mercado, tornando-se também mercadoria.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (MARX, 2010a, p.80).

Logo, a estrutura sobre a qual se realiza o trabalho influenciará diretamente na constituição da identidade do ser social e, conseqüentemente, na identidade docente, particularidade analisada neste artigo. Diversos elementos, significados, funções e objetivos interessados foram sendo construídos a respeito desta realidade, principalmente em relação à categoria trabalho.

A sociedade contemporânea tem sido caracterizada por um acentuado dinamismo e ocorrência de grandes transformações nos vários aspectos que compõem a vida social. O mundo do trabalho talvez seja uma das esferas que mais tenham sofrido o impacto de todo esse dinamismo. Tantas mudanças lidam com uma recomposição da esfera produtiva em sua totalidade (MASCARENHAS, 2002, p.7).

Na atualidade a exploração do trabalho docente é cada vez mais violenta e arbitrária, a empregabilidade, a concorrência, a conservação do capital e a ampliação do lucro baseado no hiperconsumismo levam os trabalhadores a perderem cada vez mais o sentido e o significado do trabalho como criação e emancipação (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003). As transformações impostas às forças produtivas pelo capital são também subjetivamente incorporadas pelos trabalhadores, pois não podemos nos esquecer de que há uma dialética fundamental entre pensar e agir, essência e existência, indivíduo e sociedade. “No trabalhador existe, pois, subjetivamente, o fato de que o capital é o homem totalmente perdido de si, assim como existe, no capital, objetivamente, o fato de que o trabalho é o homem totalmente perdido de si” (MARX, 2010a, p.91).

Assim, novas configurações e finalidades são estabelecidas para os trabalhadores, vinculadas à alienação do trabalho e aos ditames do mercado que gerencia os objetivos e a expansão da classe burguesa. “A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as

relações de produção, portanto todo o conjunto das relações sociais” (MARX; ENGELS, 2000, p.48). Como exemplifica Mascarenhas (2002): “É preciso acelerar o tempo de giro do capital. Faz-se necessária uma maior flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo (p.9).

A constituição do indivíduo como ser social e da identidade docente passa a moldar-se de acordo com os ditames do capital e as constantes transformações nos modos de produzir a vida humana, mas, como nos ensina Lukács (2013), sem desaparecer a essência do ser social. Desse modo, observamos um contexto que infelizmente vem assumindo a cada momento históricas configurações de destruição da sociedade e simultaneamente a identidade docente.

Essa realidade social se modificou e se tem modificado profundamente nas esferas econômica, política, social e cultural nas últimas décadas, em decorrência da globalização ou mundialização do capital, especialmente o capital financeiro, contribuindo para o aumento do desemprego estrutural, a redução e a precarização das condições de trabalho, assumidas pelo capitalismo, o que tem promovido e entranhado novas e velhas formas de desigualdades sociais e culturais (CORRÊA, 2008, p.48).

É preciso, entretanto, ressaltar que, integrado a esta estrutura do modo de produção, foram se constituindo também contradições que negam esta própria realidade, advindas principalmente da cisão entre capital e trabalho, realidade esta que nega o homem na sua capacidade de realização de trabalho, ou seja, na própria essência da constituição do ser social e da identidade docente.

O homem, por mais que seja indivíduo particular, é na mesma medida totalidade como ser social individual e a existência social é uma totalidade de exteriorização vital humana. A individualidade humana constitui-se no âmbito de uma totalidade, a realização do ser genérico, e essa realização passa amplamente pela capacidade de realização de trabalho do ser individual/social (MASCARENHAS, 2002, p.55).

Na totalidade estão impressas as possibilidades de mudança, transformação e construção contínua de novas realidades, com princípios tanto para a reprodução desse cenário como para a sua superação. Portanto, apreender as contradições é aprender a realidade e a identidade humana como movimento histórico.

## **IDEOLOGIA: UM INSTRUMENTO DE (DES)CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

Na sociedade capitalista contemporânea no contexto da contradição entre capital e trabalho, ideologias são construídas com base no liberalismo burguês com o intuito de garantir determinados interesses e manter os trabalhadores alienados. De acordo com Marx e Engels (2007), “[...] o discurso liberal é a expressão idealista dos interesses reais da burguesia” (p.196). Nesse sistema a ideologia dominante funciona como um instrumento de propagação, reprodução e conservação dos interesses da classe hegemônica direcionados ao capital, utilizando-se de um conjunto de ideias e pensamentos acerca da realidade concreta. “A burguesia (quer dizer, o domínio da burguesia) é transformada num pensamento, nada além de um pensamento” (MARX; ENGELS, 2007, p.196).

O trabalho do professor transformou-se nessa reestruturação e em novas implicações na relação entre indivíduo e sociedade em um dos eixos centrais, pois a ação de seu trabalho trata de forma direta da formação humana com construção de ideias que possuem uma grande capacidade de influência na consciência humana, voltadas na construção e manutenção de determinados interesses. Surge a necessidade, por parte da classe dominante, de formar estratégias para a constituição de um novo tipo de professor para efetivar determinados interesses. “Está em jogo a constituição de um novo tipo de professor, formado sobre novas bases e que serviria como ‘correia de transmissão’ na produção da nova mentalidade adequada aos interesses do capital nos novos tempos” (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p.89). É construída uma nova realidade voltada para o trabalho docente, constituída por ideologias que contribuem diretamente para a desconstituição da identidade docente.

Nesta perspectiva, o professor profissional seria aquele que experimentaria soluções, que demonstraria compromisso com seu cliente, que atenderia com eficiência às demandas da instituição, que desenvolveria “motivação individual para o trabalho”, mas seria refratário à “mobilização de sua categoria”, de modo que se sentiria mais membro de determinada organização escolar e menos trabalhador de uma categoria profissional (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p.92).

As ideologias configuram-se dentro da estrutura material do modo de produção através do conflito social de projeto de classe que está presente dentro do âmbito escolar. São construídas ideias e práticas em direção a determinadas finalidades nas relações sociais que garantem direcionados interesses particulares (LUKÁCS, 2013).

As ideias da classe são, em todas as épocas, as ideias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, o que faz com sejam a ela submetida, ao mesmo tempo, as ideias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual; são, portanto, a manifestação das relações que transformam uma classe em classe dominante; são, dessa forma, as ideias de sua dominação (MARX; ENGELS, 2005, p.78).

Essas ideias são constituídas a partir das apreensões das próprias contradições da realidade concreta, composta de discursos defendidos e transmitidos como verdades absolutas, pautadas em objetivos que caminham numa direção articulada a determinados fins. Para Marx e Engels (2007), a ideologia “[...] derrota a história, dissolvendo-a em pensamentos, puros pensamentos, que nada são além de pensamentos e que, no final dos tempos, se confrontarão apenas com um exército de ideias” (p.190).

Na conjuntura atual a ideologia é constituída por princípios, elementos e aspectos da realidade que são invertidos num discurso ideal, não consideradas somente como sinônimo de falseamento (LUKÁCS, 2013). Perpassam pelos instrumentos e aparelhos que regem a vida humana e se efetivam pela própria ação do sujeito, influenciando diretamente na constituição da identidade docente.

A burguesia possui um grande talento para, primeiramente, propor uma sentença assertiva e, em seguida, legitimá-la como consequência de si mesma por meio de um *em consequência disso, um ainda assim*, etc. Da mesma forma, ele sabe como infiltrar narrativamente nessa estranha espécie de dedução de frases socialistas que se tornaram tradicionais, valendo-se para tanto de “há”, “é”, “assim devem”, “assim se torna”, etc. (MARX; ENGELS, 2007, p.461).

Essas narrativas têm o poder de escamotear o cenário opressor sobre a sociedade, a educação escolar e o trabalho docente, imposto pela contradição entre capital e trabalho. Na construção das ideologias, de acordo com Marx e Engels (2007), “Todos os conflitos que os homens, por suas condições reais de vida, travam consigo mesmos ou com outrem aparecem como conflitos que os homens travam com representações acerca do viver do homem” (p.406). Uma das ideologias que podemos destacar e que se relaciona à educação escolar é a justificativa da precarização da educação pública, advinda principalmente pela falta de competência dos sujeitos que a constituem.

Como podemos observar, as ideologias são formadas na e para a realidade, mas suas reais determinações estão escondidas de forma subliminar e escamoteadas por ações humanas interessadas, postas de forma velada nas ações humanas dentro da estrutura econômica, política e cultural. Nas últimas décadas, a educação pública vem passando por um período em que os professores se tornaram, no discurso da ideologia liberal democrática burguesa, os principais percussores da baixa qualidade da educação (CORRÊA, 2008). Os responsáveis por todas as mazelas que prejudicam as vidas dos seres humanos e o pleno desenvolvimento da sociedade.

De acordo com Shiroma e Evangelista (2003), “[...] construiu-se um discurso que atribuía um determinado sentido à educação, para qual foi preciso desqualificar a escola pública, denunciando sua suposta ineficiência, ineficácia e má qualidade” (p.81). O docente é colocado como o grande culpado do fracasso da educação escolar, por falta de competências e habilidades no desempenho de seu trabalho.

Nesse universo abstrato trafegam professores e alunos, levados a acreditar que portar competências e habilidades seria suficiente para colocá-los em sintonia com o mercado de trabalho. Nesse quadro, a escola foi gradativamente responsabilizada pelos problemas sociais e os indivíduos culpabilizados por seu fracasso pessoal (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p.88).

Essas rotulações direcionadas ao professor, para Shiroma e Evangelista (2003), “[...] servem para lhe dar ciência de que estaria condenado a viver em eterna formação, lançando-o à condição de um quase-professor, que nunca estará preparado” (p.91). Forma-se uma autculpa, tanto por parte do aluno e, principalmente, pelo professor, responsabilizado por todas as consequências negativas do âmbito escolar. Desse modo, provoca um sentimento de fracasso e incapacidade na ação do trabalho docente. “O aluno não chegaria a dominar a tecnologia, mas tomaria ciência de sua incapacidade de dominá-la, assumiria a responsabilidade por sua exclusão do mundo do trabalho” (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p.90).

No contexto escolar e no trabalho do professor, alguns elementos, como os indicadores de desenvolvimento escolar, são utilizados para legitimar essa suposta incompetência.

A partir dos indicadores que ela oferece torna-se possível responsabilizar o professor por tarefas para as quais não foi preparado, estruturar o discurso da competência para colocá-lo na ilusão de que pode escolher: ou investir em sua profissionalização, formação continuada, ampliando seu rol de competência, ou ser enquadrado em outra lista, a dos incompetentes – já que a meia competência não existe (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p.91).

Outro elemento utilizado ideologicamente no âmbito escolar é o modo como a política de avaliação organiza o trabalho dos professores, direcionando-a aos ditames do mercado. Os docentes se veem como incapazes de realizar o trabalho educativo e atender às finalidades da educação escolar ao não alcançar a produtividade e os resultados esperados.

Estimulou-se uma política de avaliação para que os recursos pudessem ser aplicados nas melhores instituições, deles merecedoras por direito, de acordo com o princípio da equidade. Sua aplicação foi justificada pela alegação de que se tal mecanismo era capaz de incitar a concorrência no campo da iniciativa privada, “certamente” traria resultados similares à produtividade e qualidade na educação (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p.86).

As ideologias produzidas para o controle dos professores e de suas funções voltadas para a produção de mão de obra barata, a formação para o consumo, dentre outras finalidades mercadológicas, “[...] difundiram os princípios da gestão baseada na Qualidade Total tentando adequar o sistema educacional e as administrações escolares por meio de cobranças de resultados que lhes renderiam estímulos financeiros” (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p.87). O docente passa a não ter mais poder de controle, autonomia, liberdade e vive a constante a sensação de incapacidade para realizar as atividades educativas, aproximando-o cada vez mais de um contexto de proletarização do trabalho, conforme Brzezinski (2002, p.12):

Tal tese se sustenta na ideia de que o modelo tecnocrático de organização do trabalho na fábrica, transportado para fazer educacional, gerou o afastamento dos professores das funções de conceber, planejar e avaliar sua prática pedagógica. Essas funções foram sendo assumidas pelos especialistas que decidiam e controlavam com os administradores escolares o trabalho do professor, provocando uma crescente desqualificação deste trabalho.

O currículo também sofre a incorporação de tais ideologias sobre o trabalho dos professores, estabelecendo mecanicamente o controle do trabalho docente, retirando do professor qualquer autonomia de trabalho, o ensino desempenha uma função de indústria, o conhecimento e o professor são compreendidos como mercadoria.

O controle burocrático-administrativo das prescrições curriculares, por sua vez, confronta-se com o desenvolvimento e a consolidação de uma indústria do ensino que, adotando um *marketing* educativo particularmente agressivo, desempenha um papel cada vez mais importante na “socialização didática” dos professores (CORREIA; MATOS, 1999, p.17).

Essas circunstâncias no âmbito escolar, consequência da organização societal em que vivemos, levam à precarização do trabalho docente articulado diretamente a outros princípios do trabalho alienado, como a questão do salário e falta de condições materiais para realização das atividades educativas. Manifesta-se assim, essencialmente com base nessas ideologias, um caráter de deturpação, distorção da realidade, que mecaniza teorias, práticas e engendra determinadas condições que neutraliza o movimento da história e apaga o papel do homem relacionado à sua própria constituição e intervenção na sociedade como sujeito da práxis, se efetivando uma desconstituição da identidade docente.

De fato, como a ideologia naturaliza a história e direciona a configuração real das relações sociais, os professores acabam se identificando com uma identidade de sofredor, de incapaz, inserido em uma realidade já estabelecida de forma absoluta. Tem a sensação que o processo e o produto do seu trabalho estão perdidos no mais profundo idealismo, isto porque é através do trabalho que se constitui a identidade docente.

O trabalho representa para o indivíduo a consciência de pertencer a determinado grupo social e a carga afetiva que isso implica. Um indivíduo se identifica como professor, carpinteiro ou operário e isso significa pertencer a determinado grupo, valorizar-se, ser valorizado, situar-se no mundo de alguma forma, estabelecendo relações consigo e com o outro (MASCARENHAS, 2002, p.62).

O docente acaba sendo utilizado como eixo central de desconstituição de seu próprio trabalho, não se reconhece na própria ação produtora articulado a uma angústia de trabalhar somente pelo caráter vocacional ou de sacerdócio, ou pelo dinheiro necessário para a sobrevivência imediata. Para Shiroma e Evangelista (2003), a tendência da educação escolar e do trabalho docente é a privatização em seu sentido mais restrito, onde “[...] a escola torna-se como mercado, o saber como mercadoria, o aluno como consumidor e o professor como fornecedor de serviço” (p.95). Nesse sentido, percebe-se que esses mecanismos ideológicos provocam processualmente a desconstituição da identidade docente.

Diante dessa organização da realidade, o homem como construção social acaba contaminado pela materialidade, se coisifica e instrumentaliza as suas ações objetivas que também o constitui como um ser social (LUKÁCS, 2013). Ocorre a desumanização e desconstituição do sujeito em suas relações com a realidade, destrói-se a capacidade de elaboração, autonomia e apropriação da realidade concreta e a própria potencialidade enquanto ser social (MARX, 2010a). A visão de mundo fica restrita às práticas imediatas e estas caminham rumo a um unidirecionamento atemporal centrado no pragmatismo. Na perspectiva de Marx e Engels (2007), a consciência do dominante acaba na consciência do dominado, não de forma determinista absoluta, mas restringe e fragmenta sua visão de totalidade e faz com que o sujeito se isole dentro de um individualismo exarcebado.

As ideologias levam o professor a uma não compreensão da realidade social, do reconhecimento enquanto classe e colocam como impossível a possibilidade de construção de novos caminhos que contribuam na construção permanente da identidade docente e de uma nova ordem social.

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, também desaparece o caráter útil dos trabalhos neles incorporados; desvanecem-se, portanto as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem umas das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato (MARX, 2010b, p.60).

O professor, ao mesmo tempo colocado pelo mercado como objeto de grande importância, é desconstituído de sua identidade no processo de sua própria ação, proporcionando a negação da humanização e do processo de constituição da identidade docente como ser social.

O trabalhador converte-se em mercadoria e relaciona-se com o produto de seu trabalho como um objeto estranho. Há um processo de alienação do trabalho. O trabalho é externo ao trabalhador, não pertence a seu ser. O objeto que o trabalho produz, seu produto, apresenta-se ao trabalhador como algo estranho, como um poder independente do produtor. O trabalhador põe sua vida no objeto, mas a partir daí ele já não lhe pertence, existe fora dele (MASCARENHAS, 2002, p.56-57).

Desconstruir, desmistificar e desmascarar essas ideologias e seus mecanismos no âmbito escolar relacionados à constituição da identidade docente é construir resistência e luta contra essa realidade imposta brutalmente aos seres humanos e em específico ao professor.

Portanto, se os representantes teóricos dos proletários quiserem conseguir alguma coisa com a sua atividade literária, deverão insistir sobretudo em que sejam eliminadas todas as fraseologias que enfraquecem a consciência do acirramento dessa oposição, todas as fraseologias que mascaram essa oposição e até oferecem aos burgueses o ensejo de, por segurança, aproximar-se dos comunistas por força de seus devaneios filantrópicos (MARX; ENGELS, 2007, p.452).

Desse modo, a realidade é contraditória e a esfera das ideologias está construída. Desmascará-las se transformou em uma necessidade, pois o objetivo do idealismo pode impedir a dialética e a possibilidade de construção de uma práxis que caminhe para a emancipação diante das condições dadas na realidade concreta.

## **IDENTIDADE DOCENTE: SENTIDOS E SIGNIFICADOS**

O trabalho do professor como ser social acaba sendo influenciado diretamente por esta organização da ordem social construída historicamente, em razão da consequência da organização da sociedade e da precarização do trabalho que se desdobra no processo de desconstituição identitária. “Como a escola não está dissociada dessa realidade social, da qual faz parte a crise da sociedade, não está dissociada da crise da escola. Assim, o professor também é atingido nesse processo” (CORRÊA, 2008, p.48). Em relação à estrutura desses sentidos, Correia e Matos (1999, p.11) analisam que [...]

o princípio do mercado e a metáfora da livre escolha tendem a instituir-se, simbolicamente, como a lógica do funcionamento desejável dos sistemas educativos (quer do subsistema público, quer do privado, cuja importância quantitativa tem aumentado progressivamente).

O professor, diante da precarização do seu trabalho, dissocia sua própria identidade entre uma identidade na vida pessoal e outra na vida institucional, “[...] a fragmentação do espaço social trouxe implicações para a produção de identidades coletivas e para o surgimento de novas formas de sociabilidade” (CORRÊA, 2008, p.56). O docente está inserido, dessa forma, num processo de esfacelamento do trabalho e da sua identidade, resultado da subordinação do tempo e do espaço às regras do mercado e da produção.

A vida privada dos profissionais de educação é não só invadida por tempos e tarefas profissionais, que nem são pré-codificáveis nem se integram de uma forma inquestionável numa definição estável da profissão, como também tem de se subordinar aos tempos e às tarefas de uma formação profissional contínua que, de um direito reivindicado, tornou-se um suplício que, todavia, importa suportar, individualmente, para assegurar a gestão privada da carreira profissional (CORREIA; MATOS, 1999, p.19).

Percebe-se a centralidade do trabalho na discussão da identidade docente, relacionado diretamente às formas do capital, como nos descreve Corrêa (2008, p.47): “[...] refuta-se a formação do trabalhador adaptado, adestrado, treinado, por tratar-se de uma mediação da educação voltada à sustentação de novas formas do capital que explora, expropria e aliena os homens”. A tendência dessa situação de desvalorização e precarização do trabalho do professor é resultado da construção de um individualismo, da culpabilização e de comportamentos controlados e predefinidos que provocam uma identidade desconhecida, fragmentada e esfacelada.

Em termos de paradigmas, o individualismo institucional vincula-se a uma visão da escola que supõe o exercício profissional pautado por normas e referências claras, estáveis e reprodutivas, hierarquicamente estabelecidas de modo a induzir comportamentos previsíveis objetivados em estatutos e papéis (CORREIA; MATOS, 1999, p.22).

Sob o prisma dessa realidade, Corrêa (2008) nos ajuda a entender o porquê da tendência da desconstituição da identidade docente.

O novo perfil de trabalhador adotado no contexto do capitalismo das últimas décadas transfere a questão social da formação educacional e da habilitação profissional para o plano individual, priorizando interesses do capital especulativo (CORRÊA, 2008, p.52).

Desse modo os princípios do trabalho alienado atingem diretamente a constituição da identidade do trabalho do professor.

O professorado, nas sociedades capitalistas, passou por um processo sucessivo, prolongado, desigual e conflituoso de perda de controle sobre seus meios de produção, do objeto de seu trabalho e da organização de sua atividade, portanto, proletarizou-se (BRZEZINSKI, 2002, p.12).

A escola passa a ser não mais uma instituição social, mas uma prestadora de serviço ao capital, o professor não tem mais controle do seu trabalho, acaba se reproduzindo nas mazelas das ações do capital. A identidade docente torna-se instrumentalizada e conforme Mascarenhas (2001, p.75): “[...] quando este atrativo falha, a vida se vê envolvida por um vazio existencial, caracterizado pelo tédio, que se expressa também na falta de interesse pelo que acontece na vida pública”.

O fato de vivermos sob o capitalismo e a complexidade crescente da sociedade moderna impedem-nos de ser verdadeiramente sujeitos. A tendência geral do capitalismo é constituir o homem como mero suporte do capital, que o determina, negando-o enquanto homem, já que se torna algo coisificado (torna-se trabalhador-mercadoria e não trabalha autonomamente; torna-se capitalista-propriedade do capital e não proprietário das coisas) (CIAMPA, 2001, p.72).

Ao refletir criticamente sobre os sentidos da desconstituição da identidade docente, percebemos que surgem, nas contradições da própria realidade, novos sentidos e modos de agir, pois “[...] é pelo agir, fazer, que alguém se torna algo” (CIAMPA, 2001, p.64). Logo, podemos ver possibilidades de desconstrução de determinados significados da identidade docente na atualidade e, ao mesmo tempo, a necessidade de compreender a identidade docente como um processo em constante construção a partir da prática social.

A identidade do professor é fruto de interações complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens, nas formas cognitivas, nas ações dos seres humanos. Ela define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura, numa história (GATTI *apud* BRZEZINSKI, 2002, p.9).

Na ótica liberal burguesa, “[...] a identidade que se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um dado e não como um dar-se constante que expressa o movimento do social” (CIAMPA, 2001, p.68). A identidade docente é direcionada a determinados objetivos individuais e coletivos, porém, numa concepção ontológica, a identidade não é definida de forma determinista e absoluta.

A identidade construída pode ser pessoal ou coletiva. A primeira é configurada pela história e experiência pessoal e implica um sentimento de unidade, originalidade e continuidade, enquanto que a segunda é uma construção social que se processa no interior dos grupos e das categorias que estruturam a sociedade e que conferem à pessoa um papel e um *status* social. A identidade profissional configura-se como uma identidade coletiva (BRZEZINSKI, 2002, p.8).

A formação da identidade docente é humana, recíproca, simultânea às relações sociais, constituída pelo trabalho, “[...] é movimento, é desenvolvimento do concreto, identidade é metamorfose. É sermos o um e um outro, para que cheguemos a ser um, numa infindável transformação” (CIAMPA, 2001, p.74).

A identidade é um modo específico de articulação das relações sociais. É um fato de consciência significando uma autorrepresentação ou autodefinição, manifestada tanto no comportamento quanto no discurso. É um jogo dialético entre o mesmo e o diverso (MASCARENHAS, 2002, p.15).

A identidade forma-se de maneira processual, construída em determinados tempos e espaços. Para Brzezinski (2002, p.8), “[...] o processo de construção de significados e experiências dá-se com base em atributos culturais que se inter-relacionam e que são inerentes a uma determinada sociedade circunscrita ao espaço e tempo históricos”. Assim, a construção da identidade não deve ser analisada nem a partir das experiências do professor e nem somente na relação com os alunos ou com a escola, mas a partir da prática da totalidade social.

Podemos imaginar as mais diversas combinações para configurar uma identidade como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto uma. Por mais contraditória, por mais mutável que seja, sei que sou eu que sou assim, ou seja, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança (CIAMPA, 2001, p.61).

Assim sendo, é por meio do trabalho que o ser social se torna docente, por isso compreender a categoria trabalho é entender a realidade social, cultural, política e econômica onde o sujeito está inserido, seu processo de vida e momento histórico; conseqüentemente, é também a possibilidade de compreender a identidade docente do ser social e as contradições da ordem social em que este ser docente se constitui.

Trabalho é um elemento essencial na vida do indivíduo e na composição de sua identidade. A articulação entre identidade e trabalho é parte fundamental da inserção no mundo das relações sociais. O mundo concreto do trabalho constitui-se em uma mediação por excelência entre os mundos da individualidade e da coletividade. A inserção no mundo do trabalho confere valor social, reproduz o imaginário coletivo de valorização moral do trabalhador. Permite a aquisição de qualificações que são agregadas à identidade do trabalhador (MASCARENHAS, 2002, p.66).

Portanto, “[...] o trabalho é o símbolo da autonomia, da integração social e o caminho para ascensão social” (MASCARENHAS, 2002, p.75). Construir novas possibilidades é uma necessidade para a construção da dialética entre essência e existência da identidade docente e humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões sobre a identidade docente apresentadas neste artigo foram construídas como uma tentativa de contribuir na construção de conhecimentos sobre a formação e o trabalho dos professores, num sentido que compreenda essa identidade a partir da totalidade social ressaltando os fundamentos essenciais da constituição da identidade do professor, dentre os quais destacamos a categoria trabalho.

Objetivamos também destacar o nosso posicionamento de crítica e desmistificação, mesmo sendo de forma indireta, das tendências pautadas na “epistemologia da prática”, as “pedagogias do aprender a aprender” e a questão do “sacerdócio”, dentre outras questões que atualmente infelizmente estão sendo efetivadas como hegemônicas na realidade atual dentro da discussão da formação de professores.

Na questão sobre a identidade docente, ao partir da realidade concreta percebemos que necessariamente sua compreensão e construção perpassam pelas relações sociais a partir da prática social, análise que envolve aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, no sentido da totalidade. Cabe aqui ressaltar a importância de relacionar a identidade docente com a reflexão sobre a historicidade da sociedade, do desenvolvimento da humanização, da constituição do ser social e dos princípios do modo de produção capitalista. A categoria trabalho, na concepção ontológica do ser social, é a base para as questões epistemológicas, proporcionando a apreensão da realidade atual sobre a identidade docente.

Percebemos que a realidade e a própria identidade docente são contraditórias, que proporcionam possibilidades de construção de novas realidades, conseqüentemente outras formas de compreender o trabalho e a identidade docente no âmbito escolar e nas relações sociais. Esse conjunto de conhecimentos nos levou ao estudo e à elaboração de categorias fundamentais para a compreensão da identidade docente:

trabalho, ontologia, trabalho alienado, capitalismo, ser social, totalidade, historicidade, emancipação, contradição, dentre outras. A construção do artigo revelou a necessidade de analisar as peculiaridades da identidade docente, considerando o professor como ser social, sujeito da práxis, que ao mesmo tempo constrói a sociedade e é constituído por ela, numa relação dialética entre indivíduo e sociedade.

Portanto, a construção da identidade docente parte das relações objetivas articuladas de forma dialética à relação entre indivíduo e sociedade. O trabalho na concepção ontológica é a essência da constituição da identidade docente; porém, o trabalho alienado, constituído nas condições e contradições históricas do capitalismo, pautado na ideologia liberal burguesa, é na sociedade atual um dos eixos centrais da desconstituição da identidade docente.

Entendemos que não é possível analisar a identidade docente somente pela sua especificidade, excluindo a questão do trabalho e negando a amplitude da análise da constituição da identidade docente relacionada dialeticamente à humanização do ser social, pois nessa direção a identidade docente perde o sentido de totalidade, fragmenta o sujeito e faz com que o docente se isole no individualismo. Desse modo, para compreender a identidade em uma visão de totalidade, é necessário desvelar esta realidade escamoteada, considerar e compreender com clareza a dialética unidade/diversidade, indivíduo/sociedade, particular/universal, conteúdo/forma, conservação/emancipação, teoria/prática.

Essas análises me levaram a compreender que o professor é um trabalhador da educação constituído na classe social dos trabalhadores, que em razão das consequências das relações objetivas do capitalismo de interesse burguês tem desconstituída sua identidade, principalmente ao não se reconhecer no processo de sua atividade educativa.

Acreditamos que a identidade não se constitui por etapas e nem em blocos, é mutável e está em constante movimento, depende das relações interpessoais e objetivas, porém não de forma absoluta e determinista. Quanto mais fragmentado for o trabalho do docente pela cisão entre capital e trabalho, mais desconstituída torna-se a identidade. Por isso, nessa conjuntura de ordem social, o isolamento do professor da luta de sua classe tende ao desaparecimento de sua identidade.

## REFERÊNCIAS

- BRZEZINSKI, Iria. Profissão professor: identidade e profissionalização docente. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano, 2002.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Sílvia T. M. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2001. p.58-75.
- CORRÊA, Vera. Ressignificar a profissão docente do professor trabalhador na sociedade capitalista: questões para debate. In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro; D'ÁVILA, Cristina. (Org.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CORREIA, José Alberto; MATOS, Manuel. Do poder à autoridade dos professores: o impacto da globalização na desconstrução da profissionalidade docente. In: VEIGA, Ilma Passos

de Alencastro; CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**. Volume 2. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010a.

\_\_\_\_\_. O capital. **Crítica da economia política**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b. (Livro 1, v.1, O processo de produção do capital).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASCARENHAS, Angela Cristina Belém. **O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora**. Goiânia: Alternativa, 2002.

SHIROMA, Eneida Oto; EVANGELISTA, Olinda. Um fantasma ronda o professor: a mística da competência. In: MORAES, Maria Célia Marcondes de (Org.). **Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente**. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

**Data da submissão: 08/03/2015**

**Data da aprovação: 26/06/2015**